

DE DOSTOIÉVSKI AO VESTIBULAR UNICAMP: UM DIÁLOGO POSSÍVEL?

Lucas Vinício de Carvalho Maciel¹

RESUMO: Neste artigo, analiso uma redação narrativa do Vestibular Unicamp 2000. Apoiando-me em reflexões do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 1929/1963, [1952-1953]; VOLOCHÍNOV/BAKHTIN, 1929), investigo a disposição das vozes de personagens e narradores, procurando comparar como as relações dialógicas podem se apresentar no microdiálogo, no diálogo composicionalmente expresso e no grande diálogo (BAKHTIN, 1929/1963) de novelas e romances de Dostoiévski e no texto da candidata. Essa comparação busca indicar novos caminhos para análise de narrativas.

Palavras-chave: Relações dialógicas; Narrativas; Dostoiévski; Vestibular Unicamp.

ABSTRACT: In this paper, I analyze a narrative essay of Unicamp entrance examination (vestibular). Under the reflections of Bakhtin's Circle (BAKHTIN, 1929/1963, [1952-1953]; VOLOCHÍNOV/BAKHTIN, 1929), I investigate the disposition of characters' and narrators' voices trying to compare how the dialogical relations can be seen in the microdialogue, in the compositionally expressed dialogue and in the great dialogue (BAKHTIN, 1929/1963) found in Dostoevsky and in the narrative essay written by the student. This comparison shows new ways to analyze narratives.

Keywords: Dialogical relations; Narratives; Dostoevsky; Unicamp entrance examination

INTRODUÇÃO

Neste artigo, analiso uma redação do gênero “narração”² composta por uma candidata no vestibular Unicamp, promovendo um debate acerca das possibilidades de se empregar certas discussões do Círculo de Bakhtin no exame de textos narrativos. Para consecução desse objetivo, percorro alguns dos textos do Círculo, chegando, inclusive, a questionar se é possível examinar um texto de vestibulando, tomando por base observações de Bakhtin (1929/1963), quando de sua apreciação de obras de Dostoiévski.

Observando os meandros em que se enredam as vozes da narrativa, o intuito dessa exposição é mostrar como os apontamentos do Círculo são produtivos para se instigar outros olhares para os textos narrativos. Uma nova visada analítica que pode, um dia, vir a fomentar outras abordagens pedagógicas para o ensino.

O contexto do vestibular Unicamp

Segundo Bakhtin/Volochínov (1929, p.117, grifos do autor):

“A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação”.

Por isso é importante sublinhar que a redação, objeto de análise, foi redigida por Natália Canto Ferreira³, então candidata ao curso de Medicina, durante a realização da primeira fase do vestibular Unicamp 2000.

¹ Departamento de Letras Vernáculas. Faculdade de Letras e Artes/UERN. lucasvcmaciell@yahoo.com.br

² Para uma discussão sobre a nomeação da redação como “gênero narração”, consultar Maciel (2015).

³ Não omito o nome da candidata, pois é pública a autoria do texto, publicado na coletânea *Redações do Vestibular Unicamp 2000* (COMVEST, 2000), que congrega as redações escolhidas como as melhores pela

Sua redação, portanto, nasce na conjuntura de um processo avaliativo – pois a seu texto seria atribuída uma nota – e seletivo – já que, a depender de sua nota, a candidata poderia prosseguir para a segunda fase do certame.

A prova da primeira fase do vestibular Unicamp 2000 era, à época, composta por 12 questões dissertativas⁴ e uma proposta de redação. As questões dissertativas versavam sobre os conteúdos comuns do ensino médio: língua portuguesa, matemática, história, geografia, física, química e biologia. Já na proposta para a redação, o candidato deveria escolher entre “dissertação”, “narração” ou “carta argumentativa” para redigir seu texto⁵. Para realização da prova, o vestibulando dispunha de quatro horas: período de tempo em que deveria responder às 12 questões e escrever sua redação. Ressalto ainda que nesse vestibular “pesava” sobre o candidato, além da questão do tempo, o fato da redação valer 50% da nota da primeira fase.

É importante esclarecer também que o vestibulando deveria seguir algumas indicações dadas pela prova para produzir seu texto. Transcrevo, a seguir, as orientações para o Tema B (narração)⁶:

TEMA B

No dia 5 de outubro de 1999, terça-feira, o jornal Correio Popular, de Campinas, SP, publicou a seguinte manchete de primeira página, acompanhada de breve texto:

100 mil ficam sem água em Sumaré

Um crime ambiental provocou a suspensão do abastecimento de água de cerca de 100 mil moradores de Sumaré. A medida foi tomada na sexta-feira, quando uma mancha de óleo de aproximadamente 3 quilômetros de extensão surgiu nas águas do rio Atibaia. Anteontem, uma nova mancha apareceu nas proximidades da Estação de Tratamento de Água I, na divisa entre o bairro Nova Veneza e o município de Paulínia. A situação somente será normalizada na quinta-feira. A Cetesb investiga o caso e os técnicos acreditam que o produto (óleo diesel ou gasolina) foi despejado em esgoto doméstico em Paulínia.

Leve em conta essa notícia e privilegie a hipótese dos técnicos, apresentada no final do texto. A partir desses elementos, escreva uma narração em terceira pessoa, caracterizando adequadamente personagens e ambiente. Crie um detetive ou um repórter investigativo que, quando tenta resolver o “crime ambiental”, descobre que o ocorrido é parte de uma conspiração maior.

Comissão Permanente para o Vestibular Unicamp (Comvest). Além disso, considero meritória a referência a candidatos cujos textos se destacam no conjunto dos milhares que, a cada ano, são avaliados pela Comvest.

⁴ Esse modelo de prova foi empregado de 1987 a 2010. A partir do Vestibular Unicamp 2011, substituíram-se as 12 questões dissertativas por 48 questões de múltipla escolha.

⁵ A exemplo das questões, também o modelo de proposta de redação empregado de 1987 a 2010 foi modificado a partir de 2011, quando se passou a solicitar gêneros discursivos diversos a cada ano. Em 2011, por exemplo, solicitou-se a escrita dos gêneros *comentário*, *discurso de apresentação de evento* e *artigo jornalístico opinativo*, enquanto, em 2012, propôs-se que o vestibulando escrevesse um *comentário*, um *manifesto* e um *verbete*. As propostas completas podem ser consultadas em www.comvest.unicamp.br.

⁶ O tema A é “dissertação” e o tema C é “carta argumentativa”.

Para conceber sua redação, é obrigatório ao vestibulando atender a esse direcionamento, pois poderá ter seu texto anulado, se ignorar as instruções ou a reportagem reproduzida na proposta. Como se verá, considerar esse contexto de produção no qual emerge a redação é essencial para esclarecer alguns de seus aspectos.

Análise da redação

Com base na instrução transcrita anteriormente, a candidata elabora a seguinte redação (COMVEST, 2000, p. 147-152):

Um fiasco de enigma

3 quilômetros de extensão. Era o que a notícia no jornal denunciava. A mancha de óleo que surgia no rio Atibaia era enorme e ele era um detetive ignorado nacionalmente e que nunca havia solucionado um caso que tivesse um raio de mais de 100 metros. Era muita honra. Ora! Maurício Fiasco. O próprio nome declarava seu desempenho em qualquer situação. Conseguira afastar inúmeros clientes em toda sua carreira, mas estava disposto a dar uma reviravolta em sua profissão.

Os clientes, a partir daquele caso, teriam que marcar hora para visitá-lo. Ele teria uma secretária e um celular. Não viveria mais às custas de sua mãe viúva... e a fama o fascinava incrivelmente!

A Cetesb o contratara para descobrir a causa das manchas. Dentro de 15 dias haveria uma reunião com o subgerente da Cetesb e sua equipe para ver os principais pontos do fato.

15 dias era muito tempo... a população se queixava, pois a suspensão do abastecimento de água estava comprometendo a vida de cerca de 100 mil pessoas, moradores.

Maurício Fiasco e a equipe da Cetesb iam todos os dias às margens do rio Atibaia verificar o estado. Os aparelhos mostravam a impureza da água. Um dos membros da equipe insistiu na notícia de jornal e disse que realmente a única saída era anunciar publicamente que o óleo fora despejado no esgoto doméstico.

Mas era uma afirmação precoce, Fiasco preferiu não sustentá-la.

10 dias se passaram e o detetive não desvendara nada a respeito do crime ambiental. Estava com medo de enfrentar o subgerente e não alcançar a desejada fama. Confirmara, portanto, novamente seu nome: Fiasco.

Decidiu redobrar seu empenho. Não tinha mais almoço, nem sono. Qualquer descanso era sinônimo de preguiça.

Foi até a Estação de Tratamento de Água I, recolheu informações sobre o rio Atibaia desde 1995 e concluiu que fatos semelhantes aconteciam todos os anos e na mesma época, outubro. Pesquisou, entrevistou funcionários que trabalhavam desde a época inicial aos ocorridos e viu que os produtos mudavam todos os anos. Dessa vez era muito grave, porque envolvia um número maior de moradores prejudicados. O produto também era mais eficaz quanto ao escândalo.. escândalo?? Isso mesmo.

Talvez fosse a chave do enigma: causar escândalo na mídia para encobrir uma conspiração maior!!!

Mas quem permitiria tal desastre? O subgerente! Não... era a primeira coisa que vinha à cabeça de Fiasco. Muito óbvio. Maurício não podia negar que era um fiasco... mas, claro! O subgerente o contratara porque não acreditava na capacidade dele de desvendar o caso.

Mas não tinha provas concretas para acusá-lo. Faltavam apenas 3 dias para a reunião! Desespero! E fama de Maurício? A sua chance.

Esperou amanhecer e foi à Cetesb. Bateu à porta do subgerente e pediu um minuto de seu tempo. Tentou de todas as formas expor suas ideias sem agressão, mas várias vezes fugiu ao controle.

O subgerente, sereno, mesmo ouvindo tantas acusações, resolveu explicar a Maurício a situação equivocada:

- Nós, da Cetesb, mantivemos em sigilo muitos dados e ocorridos no rio. Contratamos 3 detetives, sem que nenhum soubesse da existência dos outros 2. Fizemos o possível para que as coisas saíssem como o presidente da Cetesb planejava. Os outros dois detetives são muito melhores que você. A carreira deles é brilhante! Você é um... fiasco, digamos assim! E me entristeço a falar, mas realmente foi o que nos deu mais trabalho. Esse escândalo causado durante os 5 anos com produtos diferentes era uma forma de desviar a atenção da população, enquanto nossa empresa desviava uma quantia significativa de dinheiro à Suíça. Não sou mais do que um subgerente. Fecho meu olhos e ignoro as atitudes financeiras do presidente desse órgão. Não tenho nenhum envolvimento, mas sei dos mínimos detalhes. Creio que como um detetive digno de ser chamado de *brasileiro*... hmmm! aceitará que seu nome seja exposto na imprensa como confirmador de que o produto fora despejado em um esgoto doméstico. Assim, sua fama desejada será alcançada, terá clientes a seus pés, uma secretária e um celular.

Maurício, boquiaberto... negou os luxos oferecidos, denunciou à imprensa e à polícia a atitude da Cetesb. Ganhou fama, secretária e celular. Mudou principalmente o sobrenome... não era mais um fiasco. Chama-se Maurício Brasil.

Para iniciar a análise da redação, recorro a uma (famosa) observação de Bakhtin ([1952-1953], p.289), segundo a qual: “Todo enunciado é um elo na cadeia de comunicação discursiva”. Todo enunciado seria um elo, porque se liga a enunciados precedentes e se volta a respostas futuras.

Para o vestibulando, a proposta da redação – com suas instruções e a reportagem que a subsidia – é um enunciado anterior a ser *necessariamente* retomado. Para usar uma expressão cara ao pensamento bakhtiniano, pode-se dizer que o candidato deve “dialogar” com a proposta, deve considerar esse enunciado anterior. Além disso, como qualquer enunciador, o candidato concebe seu texto tendo em vista as possíveis respostas futuras que suscitará nos interlocutores. No caso da redação, a resposta mais esperada é a avaliação da banca julgadora. Assim, entender essa redação como “elo na cadeia da comunicação discursiva” é entendê-la em seus vínculos com enunciados anteriores e com sua expectativa para as respostas futuras.

Aliás, o diálogo dessa redação com a proposta da Comvest já inicia desde o título, “Um fiasco de enigma”, que atende à solicitação da criação de “um detetive ou um repórter investigativo que, quando tenta resolver o ‘crime ambiental’, descobre que o ocorrido é parte de uma conspiração maior”. A palavra “enigma”, empregada pela vestibulanda, relaciona-se à questão da “conspiração maior”. Esclarecer o enigma é entender o que está por trás dessa “conspiração maior”. De algum modo, portanto, a palavra “enigma” dialoga com a expressão “conspiração”, embora não a retome explicitamente.

Como observa Bakhtin ([1952-1953], p. 294-295, grifos do autor):

[...] a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como um processo de *assimilação* – mais ou menos criador – das palavras *do outro* [...] Nosso discurso [...] é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de apercibibilidade e de relevância.

Assim, o termo “enigma” do título da redação ecoa a palavra “conspiração” da proposta de redação. Nesse caso, porém, a candidata em sua assimilação não repete a palavra do outro, mas a substitui, de modo “mais ou menos criador”, por outra “similar”. A “apercebibilidade”, a possibilidade de vislumbrar a interferência de um discurso em outro, é certamente mais discreta que a evidenciada caso se repetisse a palavra “conspiração”. Mesmo assim, essa apercibibilidade menor ainda expõe a relação de “enigma” com a proposta da redação e seus termos, até mesmo porque a assimilação da palavra do outro pode se dar de diversos modos. As palavras alheias podem ser mais ou menos evidenciadas, mais ou menos “aperceptíveis”.

Se o substantivo “enigma” expõe o diálogo com a proposta de redação, o adjetivo do título, “fiasco”, indicia o modo como a autora, mesmo sob as contingências do vestibular, pode optar com relativa liberdade pelos caminhos através dos quais conduzirá seu texto. O adjetivo, assim, é um limite, ou melhor, uma face dupla: reflete a coerção institucional, ao qualificar um fato narrativo (a conspiração) imposto pela proposta de redação, mostrando, ao mesmo tempo, a autonomia do autor, que dará a esse enigma o caráter de “fiasco”⁷.

Ao se iniciar por “3 quilômetros de extensão. Era o que a notícia no jornal denunciava. A mancha de óleo que surgia no rio Atibaia era enorme [...]”, a redação expõe claramente a relação com a reportagem “100 mil ficam sem água em Sumaré”, segundo a qual “uma mancha de óleo de aproximadamente 3 quilômetros de extensão surgiu nas águas do rio Atibaia”. O derramamento do óleo, a extensão da mancha, o rio, tudo isso é retomado, reaparece, no texto da candidata.

Ainda dialogando com a proposta da redação, a candidata introduz a personagem de “um detetive”. Porém insere elementos singulares ao caracterizá-lo como “um detetive ignorado nacionalmente e que nunca havia solucionado um caso que tivesse um raio de mais de 100 metros”. Nessa caracterização são relevantes dois aspectos. O primeiro é o uso do advérbio “nacionalmente”, que ecoará em vários momentos do texto, já que a questão da identidade

⁷ Outro, certamente, poderia ser o enfoque do episódio. A coletânea das redações do vestibular Unicamp 2000 (COMVEST, 2000) traz textos em que esse tema é tratado de modo mais “sério” ou “dramático” (ver Maciel, 2015).

nacional será trabalhada pela vestibulanda. Outro ponto interessante é estar a medida dos “100 metros” – que ironicamente desqualifica a atuação profissional do detetive – em oposição semântica à extensão de três quilômetros da mancha de óleo. Jogando metaforicamente no campo das medidas, a mancha pode ser considerada como uma tarefa muito extensa para um profissional de atuação tão curta. Sublinho também que esse uso metafórico e, concomitantemente, irônico é, a meu ver, um claro exemplo de estilo individual, de estilo de gênero e de relação dialógica com a proposta da redação.

É de estilo individual, pois é a candidata, a partir de sua especificidade de autora, que se arrisca a criar esse paralelo. É de estilo do gênero, pois os gêneros literários, em geral, acolhem bem os jogos metafóricos, as comparações, as ironias. Assim, a própria emergência da singularidade da autora está em consonância com esse gênero que é literário e, como observa Bakhtin, está mais aberto para a realização da individualidade. Segundo Bakhtin ([1952-1953], p. 265):

Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual. Os gêneros mais favoráveis [são os] da literatura de ficção [...].

Se a emergência do estilo individual é possível em quaisquer gêneros, os gêneros da literatura de ficção são aqueles mais favoráveis a esse fenômeno. Nestes o estilo individual “integra diretamente o próprio edifício do enunciado” (BAKHTIN, ([1952-1953], p. 265), enquanto naqueles, “o estilo individual não faz parte do plano do enunciado, não serve como um objetivo seu mas é, por assim dizer, um epifenômeno do enunciado, seu produto complementar”. Logo o enunciado da candidata pode expressar (de modo mais evidente) certas singularidades, determinadas opções estilísticas, porque o gênero “narração”, por sua flexibilidade, assim o permite.

Além disso, a expressão “raio de mais de 100 metros” dialoga com a informação, trazida na reportagem, sobre a extensão de “aproximadamente 3 quilômetros” da mancha de óleo. “Brincar” com essa questão das medidas singulariza o trabalho autoral da candidata, expõe seu estilo, mas mostra também que essa opção estilística mantém vínculos com o enunciado da prova que lhe serve de mote.

Seguindo em seu tom irônico, o narrador comenta: “Era muita honra. Ora! Maurício Fiasco. O próprio nome declarava seu desempenho em qualquer situação”. Interessante notar que, a exemplo da vestibulanda, Dostoiévski também se interessava pelos sentidos que os nomes das personagens podiam suscitar⁸. Entre tantos exemplos possíveis, destaco que os nomes dos protagonistas Diévuckhin, de *Gente Pobre* (1846), e de Golyádkin, de *O duplo* (1846), possuíam um sentido relacionado ao enredo das obras.

⁸ Segundo Bezerra (2012, p. 7), “a onomástica é importantíssima na obra de Dostoiévski”.

O “sobrenome, Diévuchkin, tem a ver com o termo *diévuchka*, ‘moça’, e traz desde o início o toque de suavidade e delicadeza inerente à personagem” (SCHNAIDERMAN, 2009), que, mesmo em situação de grande pobreza, ainda demonstra atos delicados, como o de oferecer balas a Varienka, moça com a qual troca correspondência.

Golyádkin, por sua vez, é um “nome que, em russo, significa ‘completamente nu’ e alude à ideia de pobreza” (VÁSSINA, 2011), espelhando a situação da personagem, um funcionário público esmagado por sua condição de pobreza, o que também o leva a certo isolamento social e aos delírios que o comprometerão em definitivo.

Creio ser possível vislumbrar nesse ponto uma aproximação entre a redação e textos de Dostoiévski: ambos os autores lançam mão de nomes que indicam certas características das personagens.

Prossigo com essa comparação. Segundo a candidata, “Maurício Fiasco *conseguiu afastar inúmeros clientes em toda sua carreira*, mas estava disposto a dar uma reviravolta em sua profissão” (grifos nossos). Esse comentário sobre a atuação profissional de Maurício exemplifica o tom irônico utilizado pelo narrador para se referir à personagem.

Também em Dostoiévski se encontram narradores irônicos em relação às personagens. Em *O Duplo*, por exemplo, o narrador critica a falta de firmeza moral de Golyádkin, tecendo comentários sarcásticos como “o senhor Golyádkin já se esquecera de pronunciar a cada momento oportuno e com *aquela firmeza peculiar* sua frase predileta [...]”, “nosso *forte e nunca desanimado herói*” (DOSTOIÉVSKI, 1846, p. 213, grifos nossos).

Como observa Bakhtin (1929/1963, p. 250, grifos do autor), em *O duplo* a “*narração está dialogicamente voltada para o próprio Goliádkin*, soa aos seus próprios ouvidos como voz do outro que o provoca”. Bakhtin (1929/1963) denominará como “discurso provocante” esse do narrador, irônico, direcionado à personagem.

E como se nota, o recurso à ironia no discurso do narrador para se referir à personagem está presente tanto no texto da candidata quanto em Dostoiévski. Porém, se esse procedimento é comum aos dois autores, há de se notar uma diferença. O texto da candidata, mesmo em sua construção da ironia, é marcado pela formalidade, como se vê, por exemplo, no uso de “conseguiu”, verbo conjugado no pretérito mais-que-perfeito. Um uso bastante formal, quase inexistente na fala e pouco utilizado mesmo na escrita. Aliás, essa formalidade perpassa boa parte do texto da vestibulanda.

Bem diferente é a construção não apenas do narrador irônico em *O duplo*, mas especialmente da representação da voz da personagem Golyádkin. *O duplo* pode ser listado entre as “primeiras obras [de Dostoiévski], que a crítica é quase unânime em chamar de ‘experimentos’ artísticos” por expressarem certa “negligência” “de Dostoiévski para com a palavra” (BIANCHI, 2008, p.1). Pode ilustrar isso, trecho da fala de Golyádkin, quando ele, após uma série de infortúnios, encontra-se parado no meio da rua, divagando e falando sozinho:

Era assim que a coisa deveria ser... Que nada... aliás, pensando bem... não é nada disso, nada disso... Estou falando lorotas, sou uma besta quadrada! eu, eu sou é um suicida duma figa! É isso, és um suicida duma figa, sem nada a ver com... No

entanto és um depravado; eis como se faz a coisa agora!... Então, onde vou me meter agora? vamos, o que, por exemplo, vou fazer comigo agora? (DOSTOIÉVSKI, 1846, p. 202)

No trecho, o discurso é marcado por reticências, sinais de pontuação que irrompem na frase, sem que o período seguinte se inicie por maiúsculas. Possivelmente isso se deva à tentativa de Dostoiévski de mostrar com um discurso confuso a aflição da personagem.

Segundo Paulo Bezerra (2001, p. 246), tradutor de *O duplo*, a fala de Golyádkin se apresenta “numa pontuação tão truncada, sinuosa e descontínua como o fluxo do pensamento de Golyádkin, o que pode levar o leitor habituado às normas padrão da escrita à falsa sensação de impropriedade de tal pontuação”.

Ou seja, o estilo de *O duplo* não é formal; aliás, de algum modo, desobedece a determinadas convenções da escrita. Ainda que esse discurso titubeante sirva, precisamente, para caracterizar a personagem, essa particularidade foi criticada por alguns contemporâneos do escritor russo⁹. Ao observar essas censuras, pode-se entender a opção da candidata por manter um estilo mais formal. Trata-se de uma opção mais segura, pois se há essas recriminações até mesmo a escritores profissionais – que supostamente podem se amparar na “liberdade poética” para justificar determinadas escolhas –, o que dizer dos vestibulandos, que, provavelmente, são mais avaliados como *candidatos* do que como *autores*. A escolha do estilo formal pode ser uma opção individual da candidata, mas como nota Bakhtin ([1952-1953], p. 306, grifo do autor):

“A análise estilística, que abrange todos os aspectos do estilo, só é possível como análise de um enunciado *pleno* e só naquela cadeia da comunicação discursiva da qual esse enunciado é um *elo* inseparável.”

Nesse sentido, estar a candidata em um contexto de vestibular pode influenciar a opção por um estilo formal, que é explicitamente exigido pela banca de avaliação. No *Manual do Candidato*, a Comvest (1999, p. 34) frisava que o candidato deveria “demonstrar, em sua redação, capacidade de exprimir-se de forma adequada ao estilo escrito e formal”. Verdade que a própria Comvest abonava em “certas circunstâncias [...] modalidades próprias da linguagem oral (por exemplo, se você [candidato] estiver reproduzindo um diálogo coloquial, em uma narrativa)”. Mesmo assim, logo após esse comentário, segue a seguinte indicação ao pré-universitário: “Você deverá também revelar um bom domínio das regras gramaticais da língua culta, do sistema ortográfico e dos recursos de pontuação” (COMVEST, 1999, p. 34). Desse modo, é de se imaginar que o estilo formal seja aquele em que o vestibulando se sente mais confortável para escrever, ou melhor, mais seguro para ser avaliado¹⁰.

Assim, se a ironia é um recurso utilizado pelos dois autores – a candidata e Dostoiévski –, as opções para verbalizar essa ironia são diferentes, pois o estilo da vestibulanda é, em geral, bem mais formal que o do romancista russo. Distinção possivelmente relacionada aos diferentes contextos de produção em que esses enunciados emergem.

⁹ A respeito, ver *Dostoiévski escrevia mal?* (BIANCHI, 2008).

¹⁰ Em trabalho anterior (MACIEL, 2008), também notei a opção de muitos candidatos do vestibular Unicamp pelo estilo formal, que lhes parece mais seguro para esse contexto de prova.

Outro aspecto que destaco no cotejo entre a redação e textos de Dostoiévski é a relação entre “micro-diálogo”, “diálogo composicionalmente expresso” e “grande diálogo” (BAKHTIN, 1929/1963).

Segundo Bakhtin (1929/1963, p. 310):

Visto assim, o diálogo exterior composicionalmente expresso é inseparável do diálogo interior, ou seja, do microdiálogo, e em certo sentido neste se baseia. E ambos são igualmente inseparáveis do grande diálogo do romance em seu todo, que os engloba. Os romances de Dostoiévski são totalmente dialógicos.

Por “microdiálogo” entende-se a fala da personagem consigo, seus diálogos interiores, restritos à sua consciência. Isso é especialmente claro quando se relatam os pensamentos de uma personagem pensando ou, menos frequentemente, falando sozinha. Para Bakhtin, todavia, mesmo que se assemelhe a um monólogo, o pensar/falar sozinho nunca o é em termos discursivos. Ainda que fisicamente isolada em seu quarto, por exemplo, a personagem (leia-se qualquer homem) sempre considera as vozes alheias com as quais teve contato. Por isso seu discurso nunca é plenamente individual. Até mesmo porque todo diálogo interior é alimentado por vozes alheias que a personagem ouviu em algum “diálogo exterior composicionalmente expresso” – que seria a representação dos diálogos entre personagens em uma narrativa. No cotidiano é comum o diálogo, a conversação face a face, e nos textos literários essa interlocução entre sujeitos também é frequentemente representada, seja em discurso direto, com a troca de turnos entre personagens, seja em discurso indireto, quando o narrador relata, parcial ou totalmente, as “conversas” entre as personagens. Bakhtin nomeia essa representação literária do diálogo como “diálogo composicionalmente expresso”.

Já o “grande diálogo” seria resultado de complexas relações dialógicas através da passagem de ideias pelas bocas e consciências de várias personagens. Em um romance, por exemplo, as ideias postas em debate em um “diálogo exterior” entre personagens podem adentrar o “diálogo interior” de alguma delas e, talvez, futuramente retornar ao diálogo exterior. O grande diálogo de que fala Bakhtin, portanto, nasce de uma conjuntura complexa em que várias personagens interagem, com suas vozes indo da consciência à verbalização em diálogos representados e destes novamente às consciências. Nesse processo, as ideias podem ser verbalizadas, interior ou exteriormente, sempre enriquecidos pela experiência do contato com outras vozes.

Em *Os irmãos Karamázov* (DOSOTOIÉVSKI, 1881), por exemplo, várias personagens discutem em diálogos composicionalmente expressos a respeito da existência de Deus e das consequências sociais dessa crença. As vozes veiculadas nesses diálogos exteriores penetram nas consciências das personagens, que em seus diálogos interiores acabam ouvindo não mais apenas a própria voz como considerando também as vozes alheias. Assim, há um processo de influência entre o diálogo exterior e o interior, entre a voz do outro e a própria.

Essa relação entre microdiálogo e diálogo composicionalmente expresso vista por Bakhtin nas obras de Dostoiévski, acredito, também está presente, nas devidas proporções, na redação “Um fiasco de enigma”.

O microdiálogo de Maurício Fiasco, seu diálogo interior é habitado por vozes que versam acerca de sua incapacidade como detetive, já que conseguiu “afastar inúmeros clientes em toda sua carreira” e “não podia negar que era um fiasco”. Também vasculhando seu diálogo interior, o narrador informa ao leitor que a personagem desejava “fama”, que “o fascinava incrivelmente”.

Interessante notar que essas reflexões interiores sobre sua problemática atuação profissional e sua aspiração pela notoriedade serão veiculadas também no diálogo exterior composicionalmente expresso com o subgerente da Cetesb, que comenta:

“Você é um... fiasco, digamos assim!”

e

“Assim, sua fama desejada será alcançada, terá clientes a seus pés, uma secretária e um celular”.

Ou seja, as afirmações do subgerente da Cetesb, presentes no diálogo exterior, vão ao encontro das vozes que permeiam a consciência, o microdiálogo, de Maurício. Algo similar é apontado por Bakhtin (1929/1963, p. 295) quando, ao analisar obras de Dostoiévski, observa que o escritor “sempre introduz dois heróis¹¹ de maneira a que cada um deles esteja intimamente ligado à voz interior do outro”. No caso da redação, a voz de uma personagem, o subgerente, está “intimamente ligado à voz interior” de outra, Maurício. A voz exterior do subgerente dialoga com a voz interior de Maurício. A redação assemelha-se, assim, ao procedimento de Dostoiévski, em que cujas obras “o diálogo exterior composicionalmente expresso é inseparável do diálogo interior [...]” (BAKHTIN, 1929/1963, p. 310).

Apesar dessa similitude, é preciso sublinhar que a redação não chega a apresentar o “grande diálogo do romance”, que Bakhtin vislumbra em algumas obras de Dostoiévski às quais designará como polifônicas. Conforme mencionado anteriormente, para a ocorrência do grande diálogo do romance, possivelmente seja necessário estar neste gênero, o romance, ou em algum texto narrativo longo, de tal sorte que as palavras e ideias de várias personagens possam passar por várias bocas e consciências, em intrincados e paulatinos jogos dialógicos, que tornem possível as ideias ser debatidas, rebatidas, discutidas e rediscutidas, em complexidade crescente, sem, contudo, se chegar a uma voz vitoriosa e sintetizadora.

No texto da vestibulanda não se vislumbra tal fenômeno, porque as vozes em embate se restringem especialmente a duas personagens: Maurício e o subgerente da Cetesb. Isso, todavia, não é um demérito do texto, até mesmo porque esse grande diálogo, conforme o entende Bakhtin, só parece ser possível no romance ou, quiçá, em narrativas longas.

Obviamente, assim, o grande diálogo do romance não se configura no texto da candidata, pertencente ao gênero redação do/no vestibular¹². Porém, a redação expõe, à semelhança de obras

¹¹ Bakhtin, por vezes, emprega “herói” para se referir às personagens principais.

¹² Corrêa (2010) emprega a expressão “gênero redação de vestibular”, Brito (2011) alterna entre “gênero redação de vestibular” e “gênero redação no vestibular”.

de Dostoiévski, relações com o “grande diálogo da época” (BAKHTIN, 1929/1963, p. 90). Grande diálogo do romance e grande diálogo da época são aspectos distintos das relações dialógicas.

O subgerente da Cetesb propõe a Maurício que “como um detetive digno de ser chamado de brasileiro... hmhm! aceitará que seu nome seja exposto na imprensa como confirmador de que o produto fora despejado em um esgoto doméstico. Assim, sua fama desejada será alcançada, terá clientes a seus pés, uma secretária e um celular.”

Nessa passagem, as palavras do subgerente vão ao encontro da voz interior de Maurício – que deseja “fama”, “clientes a seus pés, uma secretária e um celular” – e também dialogam com vozes sociais, segundo as quais, “brasileiro” é sinônimo de “corrupto”. Isso é sugerido pelo subgerente ao acreditar que Maurício, como “brasileiro”, “aceitará que seu nome seja exposto na imprensa como confirmador de que o produto fora despejado em um esgoto doméstico”. Trata-se de uma voz social corrente que associa brasileiro à corrupção. Apenas a título de exemplo, veja-se uma opinião expressa no site *Mídia inteligente*:

“O povo se boicota o tempo todo e nem percebe. A culpa de toda a corrupção neste país é nossa. Para começar, o próprio povo é corrupto, oras!”¹³

A voz expressa pelo subgerente participa, portanto, do “grande diálogo da época”, representando um juízo difundido na sociedade. Presente no diálogo composicionalmente exposto, essa voz social, que atesta uma suposta desonestidade do brasileiro, tem fundamental importância para o enredo, pois Maurício Fiasco, ao negar “os luxos oferecidos”, denunciando “à imprensa e à polícia a atitude da Cetesb”, muda de sobrenome, passando a ser chamado de “Maurício Brasil”. Assim, “Brasil” deixa de ter o tom depreciativo e vinculado à corrupção, conforme se apresentava na voz do subgerente, e passa a ser sinônimo de honestidade e até de sucesso, na medida em que Maurício consegue o que tanto queria: “fama, secretária e celular”. Ou seja, “Brasil”, o novo sobrenome de Maurício, também integra o grande diálogo da época, mas agora por se confrontar com as palavras do subgerente e a voz social que elas representam.

Essas características mostram que em termos de vínculos dialógicos a redação se aproxima de certos procedimentos empregados por Dostoiévski, como, por exemplo, no caso do “diálogo” com ideias “da época”. O texto da vestibulanda também apresenta características semelhantes às do autor russo por eleger um nome significativo para o “herói” e por empregar um narrador que provoca a personagem com seu discurso, em um procedimento similar ao “discurso provocante” de Dostoiévski (BAKHTIN, 1929/1963).

Assim como em Dostoiévski, observam-se também elos entre o diálogo composicionalmente exposto e o microdiálogo, quando as palavras do subgerente ecoam as vozes interiores de Maurício. Porém no autor russo, a integração desses diálogos é bem mais complexa e profunda, na medida em que é possível em gêneros mais extensos como o romance a “transferência das palavras de uma boca para outra, quando elas conservam o mesmo conteúdo mas mudam o tom e o seu último sentido” (BAKHTIN, 1929/1963, p. 249). Essa passagem de uma

¹³ Preferi trazer essa “voz social” de um site, pois muitas opiniões “sociais” – sem ecos em trabalhos acadêmicos e científicos – acabam por se manifestar mais livremente no espaço menos rigoroso da web. A autora da opinião reproduzida acima, por exemplo, identifica-se apenas como Yasmin.

mesma ideia por várias vozes, por várias bocas não acontece em sua plenitude na redação, um gênero composicionalmente mais curto, o que certamente dificulta esse procedimento.

Em suma, se para Bakhtin (1929/1963, p. 310), os “romances de Dostoiévski são totalmente dialógicos”, arrisco-me a dizer que, guardando-se as devidas proporções e diferenças, essa redação também é totalmente dialógica, seja em suas relações com o enunciado *exterior* da proposta da prova, seja *internamente* em termos dos vínculos dialógicos entre as vozes de narrador e personagens, que se relacionam no *interior* da narrativa.

Considerações finais

Na análise realizada neste artigo, baseie-me em colocações de Bakhtin, chegando, inclusive, a sugerir que observações do linguista russo a respeito da obra de Dostoiévski podem ser válidas no exame de uma redação do vestibular Unicamp. Aponte, assim, que esses materiais tão díspares – uma redação de vestibulando e obras de um renomado escritor – guardam semelhanças, o que pode suscitar reflexões acerca do que seja “alta literatura”, categoria da qual comumente uma redação de vestibular está excluída¹⁴. Meu objetivo principal, porém, não foi valorar a escrita de quaisquer desses escritores, mas investigar se a perspectiva bakhtiniana é produtiva no exame de redações, especialmente no que se refere às relações dialógicas.

Sublinhei, nesse sentido, dois aspectos: (i) os vínculos dialógicos mantidos entre a redação e a proposta da prova e (ii) as relações dialógicas estabelecidas entre as vozes de narrador e personagens no interior da redação.

Quanto ao primeiro ponto, a redação se mostra um material propício à observação dos elos dialógicos, pois nasce como “resposta” a uma proposta, que necessariamente deveria ser considerada pela vestibulanda. Assim, exibem-se de maneira bem clara as relações que a candidata faz com as indicações da prova ao criar e desvendar o “enigma”, ao conceber o “repórter”, ao se referir à “mancha de óleo que surgia no rio Atibaia”.

Na abordagem do segundo ponto, empreendi mais detidamente a comparação entre a redação e a literatura dostoiévskiana. Facilitou-me esse cotejamento a natureza prioritariamente narrativa desses textos, que traziam relações entre as vozes de narrador e personagens e diálogos entre as personagens. Ou seja, narrativas são materiais privilegiados para a apreciação das relações dialógicas, pois, ao colocarem em cena personagens com suas falas, acabam por representar o funcionamento dialógico da linguagem. No caso específico dessa redação, observa-se uma conjugação entre microdiálogo e diálogo exterior; o que, de algum modo, aproxima-a de certas obras dostoiévskianas.

Isso não significa, porém, que todas as características da escrita de Dostoiévski apontadas por Bakhtin estejam presentes na redação. Ainda assim, espero que esta exposição tenha mostrado que determinados apontamentos de Bakhtin podem servir à análise de redações, na medida em que esses textos também permitem divisar relações dialógicas da linguagem. Almejo que este ensaio possa instigar pesquisadores e professores a pensar novos modos de analisar

¹⁴ Bem verdade que, especificamente no caso de Dostoiévski, o autor foi acusado inúmeras vezes de escrever mal (cf. BIANCHI, 2008).

textos de vestibulandos e alunos e, por extensão, refletir sobre as possibilidades de se abordar didaticamente as questões dialógicas no ensino de narrativas.

A análise empreendida intenta ir além de aspectos tradicionalmente citados quando se fala em narrativa, como, por exemplo, a presença de personagens, o trabalho com enredo, seja em termos dos verbos que estruturam o progresso narrativo, seja em termos do famoso início, meio e fim ou situação, complicação, desfecho. Também olha para o texto do vestibular por um viés que, embora extremamente válido, não se ampare apenas em questões apontadas especialmente pela Linguística Textual, como coesão, coerência, progressão referencial. Se esses pontos foram da análise literária e linguística para a escola, é possível imaginar que a questão das relações dialógicas, fulcral para o entendimento da linguagem, possa um dia vir a fomentar o ensino de narrativas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. (1929/1963). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. (2. tiragem). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. [1952-1953]. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M./ VOLOCHÍNOV, V. N. (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BEZERRA, P. (2011). O laboratório do gênio. In: DOSTOIÉVSKI, F. M. (1846). *O duplo*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 256p. (Coleção Leste).

_____. (2012). Nota à edição de *Dois sonhos: O sonho do Titio e Sonhos de Petersburgo em prosa e verso*. In: DOSTOIÉVSKI, F. M. *Dois sonhos: O sonho do Titio e Sonhos de Petersburgo em prosa e verso*. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2012. 240 p. (Coleção Leste).

BIANCHI, F. (2008). “Dostoiévski escrevia mal?” In: *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*. USP, São Paulo, pp. 1-7. Disponível em: < http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/036/MARIA_BIANCHI.pdf >. Acesso em 5 mar. 2011.

BRITO, L. A. N. *Discurso, leitura e produção textual: uma análise discursiva da escrita de pré- universitários*. 2011. 199 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

COMVEST. (1999). *Manual do Candidato 99*. Coordenadoria Executiva dos Vestibulares da Unicamp. [Campinas]: [s.n.].

_____. (2000). *Redações do Vestibular Unicamp 2000*. Pró-Reitoria de Graduação, Comissão Permanente para os vestibulares, Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários. Campinas: Editora da Unicamp.

CORRÊA, M. L. G. Encontros entre prática de pesquisa e ensino: oralidade e letramento no ensino da escrita. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 625-648, jul./dez. 2010.

DOSTOIÉVSKI, F. M. (1846). *O duplo*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 256p. (Coleção Leste).

MACIEL, L. V. C. (2008) *Gênero e estilo nas melhores redações do vestibular Unicamp*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 185p.

----- . Os elementos constitutivos do enunciado em suas relações dialógicas: um exemplo de análise. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n. 2, p. 249-266, maio/ago. 2015.

SCHINEIDERMAN, B. (2009). Texto de orelha da edição de *Gente Pobre* da Editora 34. In: F. DOSTOIÉVSKI. (1846). *Gente pobre*. Tradução, posfácio e notas de Fátima Bianchi. 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 2009. (Coleção Leste).

VÁSSINA, E. (2011). Texto de orelha da edição de *O duplo* da Editora 34. In: DOSTOIÉVSKI, F. M. (1846). *O duplo*: poema petersburguense. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1. ed. (1. reimpress.). São Paulo: Editora 34, 2011.

YASMIN. (2005) *Povo corrupto, governo corrupto*. Disponível em < <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/10/331982.shtml> >. Acesso em 2 jul. 2013.

Recebido em: 30/03/2016. Aceito em 20/07/2016.